

Aluna: Angélica Gonçalves Garcia (Turma 1)

Resenha Crítica (Aula 2)

SEM PAIXÃO NÃO HÁ CIÊNCIA

*“Vivemos numa sociedade dependente da ciência e da tecnologia,
mas que não sabe quase nada sobre isso”*

Carl Sagan

Astrônomo e professor da Universidade de Cornell nos Estados Unidos

Queremos desesperadamente entender o mundo. Entender para dominá-lo - ou pelo menos para acreditar que podemos controlá-lo - e para usá-lo de acordo com nossos interesses e necessidades. A ciência é um dos instrumentos que temos para desvendar o mundo, através dela descrevemos, interpretamos e generalizamos a realidade que observamos (Castro, 2006). Com o uso de procedimentos, experimentos e operações intelectuais, a ciência controla os fatos, explica os fenômenos e gera verdades através de leis e princípios (Lakatos e Marconi, 2007). Tudo para nos ajudar a compreender o mundo. Não uso o pronome “nos” para me incluir dentre os teóricos e cientistas. Refiro-me a sociedade que tem sede de conhecimento e não se contenta em só consumir os produtos que o saber científico produz.

Queremos respostas para problemas reais, que nos afetam e nos atormentam diariamente. Queremos entender o que acontece ao nosso redor e saber como podemos viver mais e melhor. Queremos que o conhecimento científico seja público, não só através do livre acesso aos resultados e dados das pesquisas financiadas por recursos públicos, como exigem os Institutos Nacionais de Saúde dos EUA ou como pretende o Horizon 2020, o novo programa de financiamento a pesquisa da União Europeia (Orsi, 2012). Queremos que o conhecimento científico seja traduzido a linguagem popular e assimilado ao nosso dia a dia. Como dizia Anthony Paul Samuelson, o primeiro norte-americano a receber o Prêmio Nobel da Economia em 1970, se não for possível explicar uma teoria econômica para sua própria mulher, provavelmente essa teoria é irrelevante (Castro, 2006).

Menos da metade dos americanos sabe que a Terra gira ao redor do sol e que tarda um ano nesse percurso (Sagan, 1990), se não tem conhecimento do fato muito menos saberá dar significado a ele. Não basta apresentar a ciência com uma linguagem mais acessível, precisamos fazê-la chegar as pessoas pelos canais que elas próprias criam o saber do povo. Se o conhecimento popular é sensível e surge de vivências e emoções (Lakatos e Marconi, 2007), sem experienciarmos a ciência não a desmistificaremos.

É como se apaixonar. Primeiro alguém te chama atenção pelo cheiro, pela beleza, pela voz e pela maneira como te trata. São os sentidos que despertam a paixão. A mente só entra em ação mais adiante, quando planejamos uma estratégia para nos aproximarmos da pessoa amada, se não agirmos pela intuição, ou quando a convivência nos exigir compreensão que só surge do entendimento e do conhecimento.

Só faremos ciência depois que nos apaixonamos pelo mundo. Só nos abriremos e nos apropriaremos do saber científico quando nos fascinarmos pela vida. Espaços que propiciem isso é justamente o que falta na educação do Brasil e do mundo.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, C.M. A Prática da Pesquisa. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 2006

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M. A. Metodologia Científica. São Paulo, Editora Atlas, 2007

SAGAN, C. Por que entender a ciência? Superinteressante, Abril/1990 disponível em <http://super.abril.com.br/ciencia/nome-ciencia-445150.shtml> acesso em 08/03/2013

ORSI, C. Argentina aprova lei de livre acesso à ciência financiada com verba pública, disponível em no <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/notas/argentina-aprova-lei-de-livre-acesso-a-ciencia-financiada-com-verba-publica> acesso em 08/03/2013